

HERMES FONTES

HELIO MACHADO

A tarefa que me impuseram é das mais difíceis: por muito que em mim estivessem desenvolvidos o poder analítico e a capacidade sintética impossível seria realizar em quinze minutos, o estudo psicológico de um poeta.

Apenas, com quem toma dentro os dedos o mais raro dos carbonos, eu farei cintilarem aos olhos do vosso espírito as múltiplas pautas desse talento que, versando através de todas as escolas conseguiu fazer uma escola nova, com a doçura lírica dos românticos, com a cultura científica dos clássicos, com o requinte de forma dos parnasianos e o poder imaginativo dos simbolistas.

Dizem que os gênios quasi sempre têm origens obscuras — a treva é o ventre em que germina a luz, o carvão o cérebro em que se cristaliza o diamante, o lodo o berço que embala a infância da mais espiritual, da mais aristocrática, da mais randiada das manifestações vegetais — o lírio.

O ouro moeda alucina com os inúmeros prazeres que proporciona; tenha a carteira cheia de dinheiro e a juventude correrá logo a desfrutar os gozos materiais da vida sem que se detenha em pensar.

E o pensamento é o ouro incogitável do universo, o ouro que ilumina as gerações, que corre à frente do tempo e patra à altura dos sóis, sorrindo para a eternidade; é o ouro ciência, o ouro arte, o ouro filosofia; é Píndaro, é Aristoteles, é Jesus Cristo!

O gênio tem (ido quasi sempre humildes origens.

Tens uns olhos verdes como um campo a sazonal verdes como a luz de um relâmpago como o mar' verdes e subtis, verdes 'como hastis da cor com que se escreve o verbo amar"

E assim venho desde criança, travando intimidade com a obra vastíssima e polidrica de Hermes Fontes, vezes muitas, quedando deslumbrado ante a beleza incomensurável dessa alma estranha.

Apoteoses, em livro de estreia, publicado aos vinte anos; constituiu o maior sucesso literario do Brasil de todos os tempos, conforme poderéis verificar n'uma análise retrospectiva.

Classificado gênio por alguns, discutido e comentado por outros, não houve porém quem lhe negasse a erudição e o talento;

Foi a caridade e a alta visão intelectual do ilustre magistrado extinto, Dr. Martinho Garcez, que arrancaram das obscuridade e da pobreza o gury provinciano da "Villa do Buquim (Sergipe) para incluir estes todos no Rio e como ele mesmo declarou, "comerciar ilusões".

Hermes Fontes. Pequeno, feio, gago e surdo, quem não lhe conhecesse porem a intelligencia, ao defronta-lo pela primeira vez, sentiria um contato com a beleza.

Foi essa sensação inexplicável, que me fez indagar-lhe o nome quando, muito criança ainda, tive o prazer de conhecê-lo.

Hermes Fontes trazia no olhar e no sorriso qualquer coisa de respeitável, de extraordinario, de super-humano, de divino.

Uma simpatia irresistível me atraiu desde então ao poeta a quem eu já admirava através de uns lindos versos que toda a gente cantava pelas ruas com acompanhamento de todas lindíssimas:

"Nestas noites dolorosas em que o mar, aberto em rosas, se desfolha — á lua cheia!... Ou: "Pela janela da saudade Olhas o mar ao sol poente e vai morrendo, longamente, em seu adeus crepuscular a luz solar".

Ou então:

"Cada um de nós em sua vida por uma tarde azul e mansa soltou seu barco de esperança á Indecisão do céu, no mar, a velejar"...

Ou ainda:

houve sim, quem o qualificasse de pretencioso, seco, doutrinario, pedantesco, prosaico. Sua maneira completamente nova de poetar causara estranheza ao meio critico, o destemor do adolescente, irritava os medalhões que não haviam como de costume recebido solicitações de prefacos protetores, nem consultas de tecnica e de engenho.

Não sobressalam tambem nessa obra como na de quasi todos os estreates, as lamuriosas cantilenas de um amor infeliz. Rimario e vocabulario de uma

(Continúa na pag. 5)

ANCORANDO

Está terminada a nossa viagem. Nem sempre nos separaram zéffros ou sorriram os fados. Muito houve que lutar, muito houve que vencer. Entretanto, chegados que somos, não relembramos os entraves surgidos, senão para dizer que se desfizeram.

Na situação atual, em que são unísono o coro entoado ao geral defetecimento económico, não é tão facil, como se supõe, trazer a lume, periodicamente, um modesto órgão estudantino, quando deveres outros nos oprimem, quais sabbatinas, provas parciais, interrogatorios etc...

Valha-nos, ao menos, tal excusa para justificar o atrazo involuntario e aborrecido com que nos apresentamos.

Era necessario proseguir, afastar e, afrontando o rugir da tempestade, fuzemos sempre a salvo o periclitante barco.

E, já que vencemos, cumpre agradecer a quantos nos apoiaram efincramento nessa arriscada empreitada.

Muito nos confortou a decidida simpatia com que lentes conspícuos nos acolheram. Destas mesmas colonas, já tivemos de aludir, reconhecidos, a varios mestres, ferindolhes — que nos relevem a culpa — a natural modestia.

Basta referir que nas sessões tivemos sempre a honra da presença de um professor da Casa, que todos, gentilmente nos ofertavam prontamente o seu saber e o seu prestígio; artigos vallozes enriqueceram as nossas páginas; e, por mais de uma vez, a palavra franca e amiga de queridos mestres, resou brilhantemente nas reuniões do Gremio. Quanto ao nosso sofrimento!

Aos nossos colegas, quanto devemos! Compreendendo que o nosso fío não era outro senão continuar as tradições gloriosas deste Colegio, já que no momento a responsabilidade nos tocava, apoiaram-nos inflexivelmente, ardurosamente.

E trabalhando juntos, imanados, pondo acima das contingentes ambições pessoais, as necessidades urgentes da coletividade, vimos, muitas vezes batidos pelas vicissitudes, mas sempre risonhas até aqui.

Dentro do nosso coração, porém, ainda ha lugar para mais alguém. Queremo-nos referir aos modestos funcionarios do Pedro II, que personificamos na figura do seu distinto chefe, sr. Rizeiro, o qual não foi só um simpatizante da nossa causa: foi mais, foi sincero e entusiasta colaborador.

Que a nossa gratidão se torne extensiva ainda ao commercio carioca, ardua mas feliz, desejamos ainda recordar aos que nos deverão substituir: não esmoreçam nunca, aceitem todas as contrariedades com um sorriso nos labios e a confiança no feito, porque a ilha dos Amores, só é premio dos fortes. E aqui a recompensa é a satisfação de ter vencido.

Eram estas as palavras que nos ditavam os sentimentos, após o término da jornada.

E, agora desincumbidos da missão com que nos honraram os colegas, ardua mas feliz, desejamos ainda recordar aos que nos deverão substituir: não esmoreçam nunca, aceitem todas as contrariedades com um sorriso nos labios e a confiança no feito, porque a ilha dos Amores, só é premio dos fortes. E aqui a recompensa é a satisfação de ter vencido.

A NOSSOS COLLABORADORES

"Ciencias e Letras" avisa a seus inumeros e distintos colaboradores que só serão publicados os artigos devidamente escritos pela ortografia adotada por este mensario que é a aprovada pela Academia Brasileira de Le-

tras e admitida pelo Governo Federal.

Essa medida foi tomada com o fim exclusivo de evitar o caos reinante entre as miriades de ortografias e facilitar os trabalhos de redação.

A IDÉA DA VIDA FUTURA

Moisés Gikovate

Entre todos os povos e, em todos os estados de civilização, encontramos a "idéa da vida futura", sob a forma da immortalidade ou sob outra forma qualquer, excitando o desejo de viver e ao mesmo tempo servindo para "remediar o modo da morte", e é, "para combater a maior contradição da natureza humana".

Em, baseado nisso, é que encontramos a oferenda de alimento, de objetos de uso comum, aos mortos, o sacrificio de animais amigos do homem e até de escravos, que servirão ao seu amo, auxiliando-o na luta, etc.

Sob diversas formas encontramos a mesma idéa espalhada em todo o phenomeno. Alguns exemplos illustrarão o que acabamos de afirmar.

Entre os turanlanos da Asia Setentrional há o costume de enterrar com o morto as suas armas, alimentos e diversos utensilios, affim de estar bem munido para a larga viagem que ira empreender.

Se se perguntar a um tasmânico a razão porque coloca no túmulo a lança e outros objetos de combate do morto, responderá naturalmente, como se se tratasse de uma coisa por assim dizer lúgubra: E' para que o "adormecido" possa usá-los em combate.

Vê-se por aí que os tasmânicos assimilam a vida de além-túmulo á vida terreno, onde haverá combates, etc.

Em outras regiões, como por exemplo, no Congo, é proverbial abrir-se um buraco no túmulo, em local que corresponda á boca do defunto e por aí introduzir alimentos uma vez cada mês.

Entre os negros da Nova-Guiné, quando morre um homem eminente, sacrificam-se varias mulheres e escravos, affim de que o sirvam no além-túmulo. Tambem enterram vestimentas novas, fetiche douradas, etc.

E isto deixou fundas raizes nos povos civilizados. Um pequeno exemplo illustrará esta afirmação.

Saint-Polix conta que no entorero de Bertraud Dagueselin, em Saint-Denis, por volta de 1339, foram sacrificados vários cavalos.

O sacerdoté Auxene benzeu-os então, colocando a mão sobre as suas cabeças, isto depois de os cavalos mortos. "Nas equitulas

(Conclui na pag. 6)

MOSAICO

Com certo atrazo — surge o quarto numero de Ciencias e Letras.

Justifica-se, porém, o retardamento. Os nossos redatores cursam duas escolas simultaneamente e as provas parciais seguindo-se numa com pequeno intervalo da outra tomaram-lhe a parte util do dia. Acrescenta-se o periodo de férias e outros afazeres inadiáveis e os nossos leitores terão cada justificativa do fato. Esperamos, assim, que nos seja relevada a falta prometendo conjugar esforços a fim de impedir a repetição do acontecido

O Pedro II conta com mais um órgão de alunos: o "Atalala". cuja direção se acha nas mãos habéis e inteligentes de Alzira Zarur, Eremildo Vianna e Salustiano P. Cesar. Tais nomes são garantia inofismavel de uma firme trajetória.

Registramos sempre, com prazer, o aparecimento de colegas esperanzosos. Resulta, se a fizessemos, não seria, por certo, no intuito de incrementar a fundação de novos periódicos. O Pedro II vive, mesmo uma hora de coqueluche jornalística. Diriamos, apenas, com a devida venia que nos merecem os colegas diligentes e aplicados, que talvez essa dispersão de capacidades não fosse muito proveitosa. Somos pelo trabalho anônimo em que desaparece a individualidade para ceder lugar ao membro da coletividade.

Nós, pessoalmente, já nos entendemos a respeito com o principal diretor de uma publicação vitoriosa, tendo sido perfeito o nosso acordo de vistas. Se a ideia não foi levada avante, culpemos os contratempos surgidos, que nos desviaram a atenção. Continuamos, porém, a pensar da mesma maneira.

Eis as observações, descabidas, acaso, mas indubitavelmente sinceras, que nos cedem do bico da pena ao assinalar o nascimento de mais um periódico no Pedro II.

Constitui para nós motivo de verdadeira satisfação verificar o cuidado com que alunos dos mais distintos desta casa leem e comentam muitos dos artigos que publicamos. Há os que anotam pacientemente os erros, ou pretensas, e nos vem, no mais louvável dos intuitos, o que agradece, traz-los á nossa apreciação. Concordamos aqui, decididamente mais adiante, justificando sempre.

Um exemplo: a colocação dos pronomes defendida talentosamente pelo Hugo Kammssetzer (dispensa adjetivos) tem dado que falar. L' que nem todos le-

UM IDEAL VICTORIOSO

A Academia de Letras da Faculdade de Direito

Noticiamos sempre com prazer as atividades e os triunfos dos alunos saídos do Pedro II lá fora. Mais uma vez temos com que nos regosijar.

Trata-se da Academia de Letras da Faculdade de Direito, cujos alicerces estão sendo lançados com rigor e precisão, por um aluno desta Casa, José Guilherme de Araujo Jorge.

A prova está em que o concurso exigido está sendo dirigido por verdadeiros expoentes das letras patrias: Raul Pedrinhas, Afranio Pelxoto e Alcibiades Delamare.

Constitui tal empreendimento a base do futuro edificio da Academia de Letras da Universidade do Rio de Janeiro.

O "Ciencias e Letras", que luta conta irmãos entre os que lutam por este ideal, confia nesta nova geração, herdeira brilhante das tradições do nosso glorioso passado.

A Academia de Letras surgiu, venceu e há de cintilar.

SEMEANDO O PÃO DO ESPIRITO...

Transcorreu com brilhantismo a solenidade realizada no "Curso Vestibular á Faculdade de Medicina", comemorando os varios melhoramentos e as novas instalações nele introduzidos. afim de que o curso pré-médico seja o mais perfeito possível.

O Dr. Claudio de Melo, medico e professor de meritos indiscutíveis, que dirige a aludida Instituição, soube imprimir um caracter de iniludível perfeição ao seu curso, que preenche uma lacuna existente, ha muito tempo, em nosso meio estudantil.

Ciencias e Letras, que prestígia toda iniciativa meritória, congratulase com o illustre diretor do "Curso Vestibular á Faculdade de Medicina", augurando-lhe progressos constantes.

ram o majestoso artigo intitulado "Pronomes Oblíquos", publicado no nosso número inaugural.

O snr. Raul Arcos, que se vem magistralmente especializando em questões de gramática, fez-se apostolo do classicismo pronominal e temos vindo presenciando um fato raro no Pedro II, e talvez, no Brasil: dois indivíduos separados pelas idéas, terçando armas forçadas no saber e no estudo, mas que terminam invariavelmente as deliciosas polémicas com abraços e elogios, que valem sempre uma apetitosa xícara de café.

E' isso o que o Gremio quer: Paz et Scientia.

UM FLAGANTE DA GUERRA

J. G. DE ARAUJO JORGE

I

Londres... 1916...

Plena luta. Guerra. Os homens se armam e os povos se degladiam num instinto verdadeiramente animal. Estado natural da humanidade. Vencera-se a diplomacia hipocrita da paz. O mundo incendia-se sob o fogo contínuo das metralhas... dos tanks... dos obuses que cortam os espaços. As terras, devastadas e rasgadas pelas trincheiras e pelas cercas eletrizadas... Os campos, cobertos de chagas medonhas sob os gigantescos projéteis; transformados e deteriorados pela passagem do cavaleiro rubro do Apocalipse. Os outros tres cavalheiros por sobre as trincheiras, de vastam sob as palas de seus corceis de Attila dinâmicos, as aldeias, cidades e povoações...

Piscam os horizontes nas trincheiras. Nas flegas abertas pelas baionetas, o sangue humano se coilha ao ar envenenado. As máquinas aereas cortam e vastidão dos ares. Os mares são minados e os oceanos são tralgeiros. De dia para dia milhas, res do vidas desaparecem, e a face do mundo em estorções horribéis, vae sendo juncada de cadáveres. De batalha em batalha os lares vão sendo mutilados... Os céus, rubros... A atmosfera, sombria... Os centros populosos, abandonados e quietos... As cruzes brotam pelo solo quente. As patrias, enlutadas. Os templos, vestidos em gases negros, cheios de lagrimas, de olhares suplicantes, de corações oprimidos e maltratados pela dor. Os collegios desolados. As grandes casas tristes, enlaidadas em hospitais. Uma compunção extranha paira sobre as pessoas.

S nas estações de estradas de ferro, existe o borborinho e uma alegria de olhos embaçados, enquanto os trens partem abarrotados de fardas, cobrindo os almas de jovens incoscientemente do perigo... Patriotismo... O alimento do monstro insaciavel e insensível... A guerra em toda a sua nudez: — sorvendo existências, destruindo o trabalho, depredando e cefalando com seu adraço a humanidade animalizada!

Era sob esta impressão, sob este cenário horrível, que ali naquele jardim de Londres... silencioso e tristonho... envolto nas gases das neblinas, sentados e mudos encontravam-se dois jovens...

Ela, muito loura, olhos verdes e turvados por lagrimas occultas, face pallida, fitava o seu companheiro, com um olhar misto de admiração e tristeza...

Ele, delgado na farda de official inglês, olhos vivos no céu brumoso de sua patria, enlaçando-a ternamente de encontro ao peito, deixava transparecer na fisionomia uma aparente calma, perturbada do vez enquanto, pela luz nervosa do seus olhos e pela contração silenciosa dos lábios, como temendo as suas proprias palavras...

Distante... os sons de uma corneta chamavam os homens para os postos... E esta musica longínqua, deixava no espaço um "que" indefinível de melancolia. O rufar dos tambores apenas se percebia...

Ela pareceu então despertar daquele mutismo. Um fremito correu-lhe o corpo.

Fitou os olhos dela, onde as lagrimas corriam mansamente a flou-lhe:

— E' preciso que eu vá. Maria...

Novamente a corneta fremia o seu canto guerreiro.

— A patria me chama para defendel-a. E' necessario que eu parta. Vamos, não é preciso chorar...

E enchugava pacientemente as lagrimas dos olhos dela, como se fosse a uma creanga: — Eu estarei de volta muito breve...

Mas ela não falava. Olhava-o apenas com os olhos brilhantes, temendo este instante real que parecia se aproximar.

De repente, abraçou-o, e delixou que as lagrimas corresse uma a uma sobre o peito dele, onde uma asa bordada em ouro, simbolizava os guerreiros do espaço.

— Gilberto, não me deixe tão só. Não tenho mais ninguém por mim a não ser você... deixeme partir consigo... e eu quero morrer quando você morrer...

E começou a soluçar. Sofria horrivelmente. Era o ultimo irmão, o mais moço. Os outros, dois da aviação e um da marinha, tinham ficado já no campo da luta.

Os dois primeiros, tiveram por gloria duas toscas cruzes sobre um monte de areia; o terceiro, as ondas por mortalha...

Este era o ultimo. Teria tal vez o mesmo destino que os outros tres. Acabaria sob a fusilaria inimiga. E Maria já julgava ver o listão de fogo do avião, cahindo das nuvens desgobernado em espirais pelos ares... O baque de encontro ao solo. O ultimo rolo de fumaça e a vermelhão desordenada das chamas...

Estava tudo acabado. Ali estava o seu ultimo parente...

E ela perguntava irritada contra si mesma: — Porque não nasci eu um homem, para ter o direito de morrer como Alfredo... como Paulo... como Guilherme...

Apertando nos braços, Gilberto, como para afastar o terror destes pensamentos, atogava seus soluços, procurando afastar esta tortura e encontrar algum encorajamento...

Então, procurava pensar, quasi orgulhoso, enquanto chorava: — Eu deveria estar contente... eles partiram pela Inglaterra... morreram como bravos!

E em sua visão, parecia ve-lo formado, com suas medalhas no peito a sorrir para ela... Não, ela não devia ser fraca. Encorajou-se. Ergueu a cabeça e fitou o olhar de Gilberto.

Suas lagrimas pararam de escorrer, seus olhos brilharam com um brilho vulgare e ela tirando do pescoco uma pequenina medalha, abriu-a.

— Toma, guarda-a com voce. E' bandeira da patria. Trea vezes ela tombou herolticamente no campo da luta. Levaa, e que desta vez a vitória lhe sorria...

O rapaz tomou-a na mão. Seus olhos se molharam, mas ele sentiu-se orgulhoso de fitar a irmã. Abraçou-a longamente e beijou-a na testa.

Ouviu-se então o terceiro toque de chamada.

Elo apenas murmurou: — Até á volta, Maria.

Ela só pôde responder: — Adeus...

A voz extinguiu-se... seus olhos não puderam conter as lagrimas, no velo desaparecer...

E cahiu novamente extenuada sem pronunciar uma palavra. Gilberto partira.

(Conclui na pag. 7)

Gremio Cientifico

e Literario Pedro II

ELEIÇÃO DA DIRETORIA

Consoante prescrições dos Estatutos, realizou-se no dia 25 de Junho p. p., a 1ª Assembléa Geral Ordinaria para renovação da Diretoria. Presentes 36 socios, isto é, número sufficiente exigido pelos Estatutos, o snr. Presidente declarou aberta a reunião. Procedeu-se á leitura dos relatorios na seguinte ordem: biblioteca (Pedro Bloch); secretaria (Alberto Hecksher); tesouraria (Oldano Nascimento) e presidencia (Sylvio Elia).

A seguir iniciou-se o prelo eleitoral.

A chamada foi feita de acordo com o livro de presença, só assinado pelos socios considerados quites pela Diretoria. Terminada a votação iniciou-se a apurar os vencedores.

O snr. Carlos Brasil de Araujo fez de escrutinador. Foi o seguinte o resultado:

Presidente — Raul Arcos, 23 votos; Eremildo Vianna, 15.

Vice-Presidente — Antonietta Paladino Americo, 13; Pedro Bloch, 7 e Alberto Hecksher, 5.

1.º Secretario — Luis Emygdio de Mello Filho, 20; Paulo Paes de Oliveira, 12 Alberto Hecksher, 2.

2.º Secretario — Noemi de Miranda Reis, 33.

1.º Tesoureiro — Murillo Pinheiro Alves, 20; Renato Ferreira Pereira, 17.

2.º Tesoureiro —

Jão Pitanga Rozo 33

1.º Bibliotecario

Nelson Martins Ferreira .. 22
Gibson Lessa 13
Pedro Bloch 3

2.º Bibliotecario

Aurea Italia Raymundo ... 19
Nelson Martins Ferreira .. 16

1.º Orador

Carlos Brasil de Araujo ... 22
Orlando Leal Cameiro 15

2.º Orador

Alzira Zarur 16
David Araújo Reis 12
Erechides Arruda 8

Exigencias dos Estatutos tornaram inelegíveis os snrs. Carlos Brasil de Araujo, Alzira Zarur e Daniel Araújo Reis, conforme foi ratificado na sessão do reconhecimento da Diretoria

O empossamento deve realizar-se a 31 do corrente, em sessão solene, que, provavelmente, finalizará em festivas danças.

Origem e desenvolvimento do francês

RAUL ARCOS

Em 60 a. C. formava-se em Roma o primeiro triunvirato.

Era constituído por César, Pompeu e Crasso, ficando o primeiro com a Gália, o segundo com a Espanha, residindo em Roma, o terceiro com o Oriente, onde morreu, combatendo os Partos. César numa campanha gloriosa, por ele próprio descrita no seu livro *De Bello Gallico*, conquista a Gália Superior, fazendo-a província romana (58-51).

"*Gallia est omnis divisa in partes tres: quarum unam incolunt Belgae, aliam Aquitani, tertiam, qui ipsorum lingua Celtae nostra Galli appellantur*" (César, *De Bello Gallico*, I, 1).

Os belgas, oriundos da Germânia, falavam o Tudesco, os Aquitanos o Basco (I) e os celtas o Galo (II).

O Galo é o primeiro elemento formador do Francês. A existência de palavras gaulesas no léxico do Francês, prova-o. Eis algumas: *abouctte, branche, bas, cabane, cochon, danse, dunc, cnamer étalon jagot, jou gâteau, geole, halcine, hart, if, jambre, jars, lieu, longe, morgue monton, narguer, orgueil, pièce, pioche, ruc, raie, solve, sorte, trou, rule, verne*.

Os romanos, conquistadores da Gália, impuseram-lhe a língua — o Latim. Não o letim clássico, é lógico, mas o vulgar, falado pelos soldados, colonos e vencidos, estes pela necessidade de se corresponderem com os conquistadores. E pouco-a-pouco o Latim foi-se infiltrando por toda a Gália, sendo-lhe língua única, com excepção de alguns pontos de menores importância. O latim fol. pols. o segundo elemento formador do Francês. O seu léxico e a sua sintaxe provam-no. Não me proponho a fazê-lo, pois as línguas latina e francesa são por demais estudadas e um paralelo é das coisas mais fáceis.

Nos fins do séc. IV e princípios do V começam as invasões bárbaras, localizando-se na Gália povos germânicos. Estes introduzem o terceiro elemento formador do Francês — o Tudesco. E' ele dividido em dois ramos, o Franco e o Alemão, subdividindo-se aquele, ainda, em Ripuário, Neustro e Ostro. O elemento Germânico ou, generalizando, o Tudesco influi no

Francês prosódica e lexicologicamente; a sintaxe não foi atinçada. Eis algumas palavras de origem tedesca: *arroi, avarie, bar, bourg, canton, coup, dard, déchérir, évan, élan, flanc, flot, galop, guerre, harpe, honte, jardin, jupe, laid, lest, marcher, maréchal, nuque, ouest, paquet, pilote, récif, route, sac, sud, tribord, tuer, vague, varengue*.

O Tudesco, porém, não suplantou o Latim.

Por esta época aparece em todo o império romano uma língua, mescla do Latim e das línguas dos povos conquistados, a que se dá o nome do Romance ou Românico, de cuja evolução natural formaram as línguas latinas, românicas ou noviolatinas (III).

O Romance na Gália deu dois dialetos, *Langue d'Oc*, falado no Sul e *Langue d'Oïl*, falado em o Norte, que por-sua-vez, apresentam sub-dialetos.

Estas denominações proveem da pronúncia de *oui* ser no Sul *oc* e em o Norte *oïl*.

Os sub-dialetos da *Langue d'Oc* são o *Gascão*, o *Catalão*, o *Languedocien*, o *Limousin*, o *Auvergnat*, o *Rouergat*, o *Provençal*, o *Dauphinois* e o *Savoieard* escritos e falados até o séc. XIV; os sub-dialetos da *Langue d'Oïl* são o *Burguinhão*, o *Lorrain*, o *Walton*, o *Picard*, o *Normando*, o *Poitevin*, o *Saintongeais*, e o *Francien*, falado no departamento *L'Île de France*, que a partir do séc. XII torna notável preponderância sobre os demais sub-dialetos, vindo a ser completa no séc. XIV, chegando à língua oficial no XVI, declarada por Carlos V. Era a língua da capital, da corte.

E' este sub-dialeto da *Langue d'Oïl* que evoluicionando dá o Francês.

O Francês é falado no atual território da França, excetuando uma parte da Bretanha, onde se falam dialetos celtas, agrupados sob o nome de Baixo-Bretão, uma parte do Norte onde se fala o Flamengo (1.*) na região dos Baixos-Pirineus onde se fala o Basco (I) e na dos Pirineus-Orientais onde se fala o Catalão e um dialeto do Italiano na ilha de Córsega; é, também, língua fóra do território da França, numa parte da Bélgica, numa parte da Suíça, duns vales ao

A UNS OLHOS VERDES

Uma gentil amiguinha do "Ciências e Letras" nos solicitou a publicação destas angustiosas linhas. Dado o estado melindroso do coração da Srta... prontamente atencemos ao pedido, fazendo-nos assim uma especie de Pronto Socorro de Acidentes no Amor (geralmente são fatais.) Todavia só há um remédio: os olhos verdes atencem urgentemente ao apelo, que é o terapeutica mais acertada... Agora ouçamos:

Eles tem na ternura de seu todo, afagos maravilhosos que prendem a alma da gente.

Falam, cantam, sorriem...

Feltos para a carícia de outros olhos vivem da ansia de uma promessa para a ventura efemera de uma esperança.

Por isso, vejos-os sempre como que sonhando entregues a profunda meditação como se buscassem no infinito a luz dos olhos que lhe faltam.

Qual será a cor dos olhos que procurar?

Castanhos? Negros? Azuis?

PRINCESA L.

Norte da Itália, das ilhas Normandas, inglesas, e nas multiplicas colônias que a França possui na África, Ásia, Oceania, América, tudo... um total de 90.000.000 de pessoas, além de todo o mundo cientista, literário, elegante, onde o Francês se torna língua obrigatória.

(I) — Língua da Hispânia anterior ás invasões indo-europeas, também chamada Vascongo, Biscaíno ou Euscara, até hoje inclassificável.

(II) — Língua indo-européa, do ramo Céltico, grupo Britânico, apar-do Quírico, Cónico e o Bretão ou Armoricano.

(III) — Nunca Neo-Latinas, hibridismo, que se não deve empregar: são o Português, o Espanhol, o Provençal, o Francês, o Italiano, o Rumeno, o Sardo, o Dalmático e o Rético (W. Meyer-Lübke, *Grammaire des Langues Romaines*, tradução francesa de *Eugène Rabiet*).

(IV) — Língua Indo-Européa, do ramo Germânico, do grupo Baixo-Alemão, apar-do Saxão, Anglo-Saxão, donde vem o Inglês, o Baixo-Alemão, propriamente dito e o Holandês.

CRUZ E SOUZA

ORLANDO LEAL CARNEIRO

(Fragmento de palestra proferida no Gremio)

E' interessante notar que Cruz e Souza, cor de ébano, "tiha a nostalgia das brancuras". Logo, na primeira página de seu livro "Broquéis", encontra-se a prova desta afirmativa:

"O' formas alvas, brancas,
formas claras
De luars, de neves, de neblinas!...
O' formas vagas, fluidas, cristalinas...
Incensos dos turbulos, das aras..."

Formas de Amor, consteladamente puras,
De virgens e de mantas vaporosas...
Brilhos errantes, mádias frescuras,
E dolencias de líricos e de rósas.

Infinitos espiritos dispersos,
Inefáveis, edémicos, aéreos,
Fecundal o misterio destes versos,
Com a chama ideal de todos os mistérios,

Do sonho as más azuis diafaneidades
Que fuljam, que na Estrófe se elevantem
E as emoções, todas castidades
Da alma do verso, pelos versos cantem".

Vêde que forma escorrelta com o rigor do Parnaso, mas de fundo simbolista!

"Forças originaes, essencia, graça,
De carnes de mulher, delicadezas...
Todo esse efluvio que por ondas passa
Do éter nas róseas e aureas correntezas..."

Qualquer produção do poeta catarinense é digna de uma "Antologia", pois basta citar, senhores, que as gemas que vos acabo de oferecer, foram colhidas, sómente, na "Antífona" a primeira poesia dos "Broquéis".

Passemos aos "Farões" onde sua líra é, ainda, pessimista e admiremos a beleza de seu verso, que só ele sabe definir no "Esquecimento":

"O' meu verso, ó meu verso soluçante,
Meu segredo e meu guia,
Tem dó de mim lá no supremo instante
Da suprema agonia.

Não te esqueças de mim, meu verso insano,
Meu verso solitário,
Minha terra, meu céu, meu vasto oceano,
Meu templo, meu sacrarío.

Embora o esquecimento vão dissolva
Tudo, sempre, no mundo,
Verso! que ao menos o meu ser se envolva
No teu amor profundo!"

Uma estrófe de Cruz, tirada a esmo, faria um poeta:

"Esquecer é andar entre destroços,
Que além se multiplicam,
Sem reparar na lividez dos assos,
Nem nas cinzas que ficam..."

Lamento não poder transcrever, na íntegra, a linda poesia, em que o poeta se dirige á noite, intitulada "Monja Negra", donde extrai estas estrófes de beleza sem par:

"O' grande monja negra e transfiguradora,
Magia sem igual dos páramos eternos,
Quem assim te creou, selvagem Sonhadora
Da carícia de céus e do negror de infernos?

Quem auréolas te deu assim miraculosas
E todo estranho assombroso e todo estranho medo,
Quem poz na tua tréva ondulações nervosas,
E nudez e silencio e sombras e segredo?"

"Hostia negra e feral da communhão dos mortos,
Noite creadora, mãe dos "gnomos", dos vampiros,
Passageira senil dos encantados portos,
E' cego sem bordão da torre dos suspiros..."

Abençoa meu ser, unge-o dos óleos castor,
Enche-o de turbilhões de sonambulas aves,
Para eu me difundir nos teus Sacraríos vastos,
Para me consolar com os teus Silencios graves".

(Conclui na pagina 6)

CURSO VESTIBULAR A' FACULDADE DE MEDICINA

DO PROF. CLAUDIO MELLO

Ensino completo, de acordo com o programa oficial

AVENIDA RIO BRANCO 91 — 7.º andar Sala 9

PODE SER VISITADO DIARIAMENTE DAS 8.30 ÀS 10.30 e DAS 16 ÀS 19 HORAS

CADERNOS DIDÁTICOS

- DE -
OSCAR DE ALMEIDA

Caderno para Verbos. — Caderno para Exercício de Análise Gramatical. — Caderno para Exercício de Análise Lógica (período simples). — Caderno para Exercício de Análise Lógica (período composto). — Cadernos para Exercício de Composição Portuguesa ao 1.º e 2.º ano do Curso Seriado.

Cada exemplar 1\$500
LIVRARIA ALVES

RUY BARBOSA

ALZIRO ZARUR

"Os cerebros, a que a humanidade mais deve, tiveram lugar para guardar esse Deus de que ela se carnice".

JOSE' DO PATROCINIO

Na cidade de S. Salvador, aos 5 dias do mês de novembro de 1849, nasceu aquele que estava destinado a ser, futuramente, o maior dos brasileiros.

Jámais se diminuirá o nome aureolado do baiano genial; ele será sempre o que foi, em todas as idades. Antes, pelo contrario, só se poderá aumentar a sua luminosa projeção de estrela da primeira grandeza, em todo o territorio brasileiro.

Eis por que é que não pretendemos enaltecer a sua obra nem a sua personalidade; francamente, não seriam palavras nossas que haveriam de tornar maior a gloria de Ruy. O nosso grande objetivo é apontar-lo aos estudantes, aos moços de hoje — estelões do Brasil de amanhã, que necessitam muito de homens dignos, homens capazes, homens abnegados, homens idealistas.

Crêmos que todos o têm como genio; realmente, pelo que foi, Ruy não desmerece este honroso título. Mas foi Ruy mesmo quem disse de uma feita:

"Os genios são meteoros raros; as mais das vezes os cria a paciência e a perseverança. É a assiduidade na educação melódica e sistemática de nós mesmos o que descobre as grandes vozes e amadurece os grandes escritores, os grandes artistas, os grandes inventores, os grandes homens de Estado."

Que grande lição nos dá o imortal brasileiro com estas palavras! Elas nos fazem lembrar do grande Abrahão Lincoln que, nascido nas matas, numa época de tantas dificuldades em que nem a luz elétrica existia, conseguiu entretanto ser o que foi, e só pela sua força de vontade e pela sua paciência inabalável.

"O tempo, este mais precioso cabedal, o pobre Lincoln não n'ó tinha; mas conseguia-o estudando até alta hora da noite, servindo-se da claridade de um fogo por ele mesmo acido no chão de sua choupana, roubando ho-

ras tão necessarias ao repouso, depois de um dia de penoso labor." (1).

E' aqui, meus caros leitores, que está o X do problema: — genio ninguem nasce, sabio tão pouco; do homem, e só do homem, depende tudo — o fazer-se, o tornar-se grande, o crescer em sabedoria deante de todos os homens, e — ainda que para isso tenha de possuir um invulgarissimo grau de vontade — tornar-se verdadeiramente um genio.

Lincoln era o que era. Viu que o impossivel é a tristissima desculpa dos fracos, e que o poder depende do querer; quis — pôde, lutou — venceu.

Nas possibilidades de cada estudante está o tornar-se um mestre; de cada ignorante tornar-se um grande.

"Imponha-se o talento, moga-se a aptidão, aquilate-se o caracter, e o discipulo estará feito, não raro maior que o mestre." (2).

* * *

O inolvidavel filho do Dr. João José Barbosa de Oliveira, que era medico e mesmo homem de letras, revelou — desde os primeiros cursos — uma intelligencia lucida e uma rarissima capacidade de assimilação. Decerto que estes dois grandes predicados tiveram como bases a atenção, a observação, a força de vontade, a paciência — o estudo; e sem isto nada se consegue.

Na cidade de Recife, em 1866, iniciou Ruy o seu curso de direito; em 1868 passou a estudar em S. Paulo, terminando-o em 1870.

Anos depois ocupou elevados cargos, distinguindo-se sempre pela palavra arrebatadora. Duas vezes rejeitou Ruy a pasta de ministro. A sua era a época, do Nabuco, de Castro Alves, de Patrocínio; era a época negragana da do escravagismo, contra o qual foi um dos formidáveis baluartes.

"Aparonado desde cedo pela justiça, tornou-se indefeso campeão da causa abolicionista, advogado dos fracos e oprimidos; elevou-se, por isso, no conceito dos seus patricios, que o veneram, aureolado de gloria. Mas é

certo que, se não abraçara cedo causa tão nobre, seu nome não teria outro brilho que o de habilitado advogado." (3).

Nos anos seguintes Ruy crescia de vitoria em vitoria. F. quando se implantou o Regimen Republicano, elegeram-no para Ministro da Fazenda, demonstrando desse modo a grande consideração em que o tinham.

Desde o principio da Republica, Ruy occupou a cadeira de senador pelo Estado da Bahia.

Motivo de extraordinaria alegria e orgulho indizível, foi o desempenho brilhantissimo da missão que lhe confiaram como Embaixador Especial do Brasil na Segunda Conferencia Internacional de Haya — 1907 — elevando o Brasil no conceito das nações estrangeiras. Daí o seu merecidissimo cognome — *Agua de Haya*.

"Publicista, parlamentar, jurisconsulto, Ruy Barbosa é reputado, dentro e fóra do País, uma das mais pujantes mentalidades da America hodierna. No meio intelectual brasileiro é, sem contestação, o "primus inter pares". Como escritor, Ruy Barbosa é o mestre consagrado: correto como Vieira, melodioso como Castilho; na variedade de vocabulário e propriedade dos termos so o podemos comparar a Camilo." (4).

Por muito tempo, o verbo ruybarbosiano retumbou por todo o Brasil, agitando todos os recantos e estremecendo todas as camadas. Tudo podia o seu verbo formidando.

Nos "Otto anos de parlamento", o Sr. Afonso Celso disse de Nabuco: "Mas o presidente profertu a frase regimental — *Tem a palavra o Sr. Joaquim Nabuco* — um catafriso corria

BAR PEROLA

(Antiga Casa de Estudantes) Casa especial em Sorvetes, Refrescos, Bebidas frias, Coldo de enna Sandwichs, etc.

Fabricação de sorvetes com maquinismos modernos e especiais, provido a electricidade

AMERICO ALVES DE OLIVEIRA

76, Rua Gonçalves Dias, 76 Proximo A rua do Ouvidor RIO DE JANEIRO

plu assistencia excitada; electricava-se a atmosfera".

O mesmo, e talvez muito mais, poder-se-la dizer de Ruy. O efeito da sua minúscula estatura, desaparecia sob a eloquência que regia os seus discursos magistraes. Em tudo prevalecia a sua magnificência de oratória, que sempre foi um dos característicos da *Agua de Haya*.

O inesquecível Patrocínio, insurgindo-se certa vez contra a mesquinhez da sabedoria atéa, escreveu: "*Que mal faz Deus no concencia do povo? Trabalha e eu te ajudarei. Não, é o mais belo estímulo á prosperidade social essa promessa, que a concencia do simples diariamente lhe repete?*"

Palavras tão belas, tão nobres, superam toda a literatura balofa dos Pittgrilli e de todos os escritores que dedicam a sua vida a escrever obras que pervertam os jovens caracteres. Pois, meus caros leitores, eis o que pregava Ruy: "*Oponde á politica o trabalho, ás facções, o civismo, aos conluos ás idéas, ás oligarquias o povo, ao medo a confiança, ao ceticismo a fé iluminada na caridade eterna do Criador para com as suas criaturas. Eia! Não vacilleis, não trematis, não recueis, não cedais!*"

Eis um peregrino, estupendo exemplo para a nossa mocidade e, sobretudo, para os brasileiros mais velhos. Bem se vê que o fato de crer Ruy no Eterno Criador de todas as coisas, não o humilhou, não impediu que ele fosse o que foi, nem diminuiu a sua grandeza.

Nada mais certo que o pro-verbio hespanhol:

"*El temor de Jehovah és lo principio de la sabiduria; y la sabiduria és mejor que las piedras preciosas, y todas las cosas que se pueden desear, no son de comparar con ella.*"

E' vasta a obra grandiosa de Ruy. Mas a todos os seus livros prefiremos "*O Papa e o Conelito*", que trata dum assunto superior, talvez o mais importante que o Brasil deve conhecer. A todos aconselhamos a leitura desse livro monumental, que

parece ser desconhecido pelos nossos escritores, educadores e mesmo pelos dirigentes da Nação Brasileira.

E' dos Ruy — pelo menos no idealismo patriótico — que o Brasil precisa. Ele não necessita de literatos perversos; de homens sem Deus; jámais necessitará de poetas de amor fingido e de fingidas maguas; tão pouco de fazedores de sambas e outras chulas cantigas; o Brasil repudia o patriotismo farsalico, labial.

A sua primeira necessidade é o patriotismo puro. E isto éle reclama dos dirigentes da Nação Brasileira, dos diretores de jornais, dos educadores dos seus colégios — quer secundarios, quer superiores —, de todos os intelectuaes. Sim, senhores: esta é que é a grande verdade. E por isso é que veneramos e amamos figuras excepcionais nessas belas virtudes — como esse divino Ruy.

A 1º de março de 1923, a *Agua* fechou os olhos: morreu Ruy Barbosa, "*que foi e ainda é o mestre crimio dos que sabem, o genio portintoso na universalidade do seu saber, de quem cada palavra era um raio, cada clausula um trovão e cada razão um triunfo.*" (5).

Entretanto, após a sua morte, nunca brilhou tanto o seu nome, nem tanto esplendor alcançou a sua gloria. Depois de morto oficialmente, Ruy viveu mais do que antes da sua morte, deixando uma memoria inesquecível, indelevel, imorredoura.

Que melhor destino para tão grande homem?

No entanto, tal é a gloria dos que, sendo tão grandes, põe — acima de si proprios e de tudo mais — a PATRIA e DEUS.

(1) — J. Luciano Lopes — Abrahão Lincoln — págs. 37,33.

(2) — Miguel Couto — Discurso.

(3) — J. Luciano Lopes — *Obt. cit.*, pag. 210.

(4) — Eugenio Werneck — *Antologia Brasileira* — pag. 223.

(5) — Buarque Lyra — "*O ultramontanismo*" — pag. 27.

CASA ALBERTO

Praça da Republica, 66 - Fone 2-5249

Bons calçados e perneiras
Quêpis, espadas, bandeiras
Isso tudo lhe garante
Por um preço fascinante
Que o deixará boquiaberto
A afamada CASA ALBERTO

Casa Moraes & Alves

AVENIDA PASSOS N. 116

FONE: 4-5853 - RIO

Quêpis, espadas, bom fardamento;
Artigos finos, de qualidade
Aos militares dão alegria,
São encontrados com abatimento.
Na melhor casa desta cidade

DE MORAES, ALVES & CIA.

ANEDOTAS

Certo deputado do parlamento lugrés, no ardor do discurso, viu que os olhos escorregavam pouco a pouco para a ponta do nariz.

— V. Excia. está com os olhos em cima da boca, interrompen um adversario, querendo confundir-lo.

— De fato, retrucou o orador, não quero que me escape uma só palavra que não seja primeiro bem observada e estudada.

Quando Carlos Gomes achou-se pela primeira vez em Milão, não conhecia uma palavra sequer de italiano e por isso valla-se de um dicionario de ocasião. Certa noite, estando a jantar numa taverna celebre pela cozinha, chamou o garçon e pediu: — Traga-me um pedaço de idioma. — Idioma! Que vem a ser isto? interrogou admirado o rapaz. — Idioma! Que vem a ser isto? e pôs a lingua de fóra.

Francamente nesta não arreditamos muito...

Frederico o Grande recebia todos os dias a visita do seu médico, das 10 ás 11, para conversar com elle.

Certa manhã chegou o medico, mas não foi recebido.

— Srre, disse o camarista ao rei, pergunta o vosso médico porque não pôde ser recebido hoje.

— Diga-lhe, respondeu Frederico, que me acho um pouco indisposto.

ERRARE HUMANUM EST

Desculpem-nos o chavão. Mas é que ha vezes em que as expressões mais batidas readquirem toda a sua primitiva força e passam a exprimir em toda sua latitudde. E' o caso, cremos nós.

De fato, em o nosso ultimo artigo, *Gramática do Arco-Iris*, escapou-nos um lapso de que, difficilmente, nos penitenciaríamos. Tendo no artigo todo usado da primeira pessoa do plural pela do singular, como nos fa-culta madame Gramatica (Que barbaridade, um francesismo!), num pertodo, porém, não observamos a regra e cometemos uma incoerência. Trata-se como se vê, de um passo em falso.

Quem não os teve, porém?

Nem se julgue que estamos a defender a nossa lacuna com os erros alheios. Mas o que hoje é crasso, amanhã pode tornar-se beleza literaria.

Perdoem-nos, pois.

Peri Brasil

HERMES FONTES

(CONTINUAÇÃO DA 1.ª PAG.)

opulencia até então nunca acumulada por nenhum cantor da lingua portuguesa, o poeta era desproporcional para a idade e por isso tenha de trazer tambem os defeltos comuns á desproporção.

Ouçamos algumas estrofes do primeiro poema de "Apotheoses":

Tudo que vibre, que fulgure, que a alma encante,
o que se palpe, veja escute e gose,
tudo tem um crepusculo e um levante,
— o Obscuridade ou a Apoteose.

A Arte eletta e lusina: é luar e é sol — madrugada...
Põe gelo nos vulções, põe lava nas geleiras...
Nunca lhe existe á fronte o pezar de uma ruga,
nunca em seus olhos ha sombras malagourelras.
As lagrimas que a dor dos martires enxuga,
a cristalleações esteticas reduz...

— Integra como o sol, ergue-se.lhe cantando,
e, no alto, colhe astros em bando,
e traz de estrelas uma seara
para
a Apoteose da Luz.

— Nuvem que andas ao léu, nomade sombra opaca,
sem um ralo de luar que te proteja e aqoute!
arfa-te o selo?... que anela! anda a ver si t'o aplaca
a silenciosa paz da Apoteose da Noite —...
Sombra, que és — junto á Sombra, has.de.sér menos fraca
has de sorrir ao sopro austral que te intimida...

E, no vir de aurora, em seu cristal de arminho e rosa
iras mirar-te, alma valdosa,
como uma plúmula flutuante,
ante
a Apoteose da Vida.

— Naufrago da Esperança, algido e moribundo,
que cemoias um remedio, um bem que te conforte!
desce as palpebras... sonha... esquece-te do Mundo:
sonhando é que voarás á Apoteose da Morte!
E, si infecundo es já, te-has.de sentir fecundo:
has.de.esperar e crér — si és pessimista e incrêtu:
has.de.purificar a alma, desilludida
nos invios trâmites da vida
e de, afinal, tornada estrela,
vê-la
na Apoteose do Céu.

— Andorinhas que andaes alinhavando o Espaço,
agulhas que percorreis enormes trajetórias,
rouxinóes que voejais a um luar pallido e baço,
corujas que intendeis as noutes merencórias...
O' calhandra que cáis prostrada de cansaço,
ó terna pomba-róla, ó canario que casas
o ouro do corpo no da alma... ó cigarras saudosas,
ó borboletas mil... — ó rosas
do Ar!... triumphareis todos, em bando,
voando

na Apoteose das Asas!

Se a arte é o produto da influencia da raça, do meio e do momento, quando essa mesma arte vem de um genio, taes influencias quasi que desaparecem deante da força latente do espirito criador.

A mutação que se manifestou na poetica nacional com o aparecimento de "Apotheoses" e a avalanche de imitadores que

fol surgindo e decalcando idéas e forma do poeta, o que esse livro trazia de inédito quanto ao pensamento e á maneira de expressa-lo, não me deixam a menor duvida sobre a genialidade de Hermes Fontes.

Observemos o poeta "personallissimo" dentro da velha escola parnasiana:

CIGARRA

E' uma existencia aparte a que leva á bizarra alma do estivo inseto, a zunir, serra a serra, alem de que dos mais se distingue e desgarrá por esses suaves sons nostalgicos que igcerra.

Mal respande o Verão n'uma parte da terra,
ella: que cousas diz e que episodios narra...
Canta aqui, canta ali, canta acolá... pausa... erra,
sibila, estala, ri, e, rir, morre a cigarra!

Nunca o tedio a indispõe, nunca a tristeza a acirra!...
Quando lmerge na sua aprazível modorra,
sonha visões de luz, de incenso de ouro e mirra...

Tua vida é uma orgia, a sua voz é um hurrah!...
E, ha.de.zunbir e ha.de.cantar, até que morra,
ao sol, que a incende, ao sol, que a abraza, ao sol que a
[esturra!...

Quizera fazer sobre Hermes Fontes o mais carinhoso dos es-tudos; quizera poder mostrar a evolução serena e altissima de seu estro, analisando todas as suas obras; sobrasse-me porem o talento e o tempo me seria

escaseo para tão trabalhoso mister.

Quero porem exemplificar-vos a que transcendentalismo filosofico chegava a musa desse poeta:

PRIMEIRA PEDRA

— Corpo que se encontrou abandonado de alma,
corpo que se não poude á ação do ar decompor,
uma pedra e uma vaga imovel... E' uma calma recordação do mar de que fol leito a estrada,
uma vaga do mar dos tempos, retardada,
que por aí ficou sem sentidos, parada,
adormecida por um intimo torpor.

E' a impossibilidade esculturada. Dorme.
Secou-lhe o sangue, e não consegue apodreecer.
Vive! E' possível. Morre? E' provavel. Conforme a Vida e a Morte... A pedra é um ponto de partida.
E' o principio da Morte, é o principio da Vida...
E' um gesto contrariado, é uma força contida,
é o Ser que adormeceu em caminho do Ser...

Estas duas pequenas estrofes seriam suficientes para sua imagem melancolica e essa formar a reputação de um poeta, em qualquer terra menos ingrata do que a nossa.

Hermes Fontes não foi feliz na vida publica, não foi feliz na vida privada: a tristeza proje-

ta em todas as suas estrofes sua imagem melancolica e essa projeção mais avulta, mais nítida, em qualquer terra menos ingrata do que a nossa. Ouçamos Hermes Fontes sim-bolista n'um trecho imortal do poema "palmeira".

Palmeira do Deserto, exult pernalta,
debruçada num fantano de pó!
que — seismando mantem a cabeça tão alta
e — alma anciosa de amor — vive isolada e só...
E, pensamento no alto e raizes na terra,
a subir, a subir numa ascensão sem termos,
em si mesma se isola e se desterra
e enche com seu perfil esguilo os planos ermos...

E, á angusta aspiração de hombrear com as estrelas nas paragens interminas, tranquillias, para, em luz, excederLas e, em altura atulglas, sobe mais, sobe... sobe imperturbavelmente na linha vertical do Orgulho e do Carater, esquecida da Terra, á qual deve a semente, a energia vital, a força mater

que a eleva para o Azul como verde estandarte imponente largado á viração que em azas o reparte.
Palmeira sonhadora, fantassista, alma em flor, seio em flor, aos céos aberto!
Palmeira simbolista, es bem a imagem de São João Batista pregando no deserto!

Um emprego de praticante no E. Geral disputado em concurso memoravel, quando adolescente ainda; um diploma de bacharel, tirado pela nossa Universidade, em curso brilhante, eis quanto conseguiu na vida publica o poeta formídavel.

Morto aos quarenta ance, com oito obras publicadas com successo, não poude ele transpor as portas da Academia de Letras appezar de se haver candidatado a ela diversas vezes,

E' que para fazer parte d'aquelle gremio intelectual é

preciso mais que talento, é indispensavel uma alta posição social e um forte prestígio politico.

Na vida particular, Hermes foi um desgraçado: desde pequeno sem carinho de familia, bem merecia que o destino lhe concedesse um pouco de ternura através do casamento; esse porem foi para ele uma fonte de ridiculo, um verdadeiro desastre.

Delicemo-nos por momentos com o Hermes amoroso, com o Hermes romantico.

(Conclui na pag. 8)

CRUZ E SOUZA A IDÉA DA VIDA FUTURA

ORLANDO LEAL CARNEIRO

(Conclusão da pagina 6)

Al não fosse João da Cruz e Souza preto, pobre, humilde, por certo, outra repercussão teria, em nossos meios literários, a vibração formidável de seu poeta atiltoque!

Em "violões que choram", o cantor dos "Pharões" sugere, faz com que a nossa alma se transporte ás regiões do nonho:

"O! plangentes violões dormentes, mornos,
Soluços ao luar, choros ao vento...
Tristes perfis, os mais vagos contornos,
Bocas murmurantes de lamento".

Quando as estrelas mágicas florem,
E no silêncio astral da imensidade
Por lagor encantados adormecem
As páldas ninfas da saúde!"

A's vezes, Cruz e Souza torna-se tétrico:

"E na expressão de quem se vai sorrindo,
Com as mãos bem juntas e com os pés bem juntos
E um lenço preto o queixo comprimindo,
Passam todos os lividos defuntos..."

Com o seu vercejar é, em certos momentos, honomatopáico!

"Vozes veladas, veludosas vozes,
Volupias dos violões, vozes veladas,
Vogam nos velhos vórtices velozes
Dos ventos, vivas, vans, vulcanizadas".

Reparal o suade (C) vibrar dos bordões.

A ultima quadra de "Violões que choram" é de incomparável formosura:

"Tudo isso, num grotesco desconforma,
Em ais de dor em contorsões de açotes,
Revive nos violões, acorda e dorme,
Atravez do luar das meias-noites!"

Eu vos disse que Cruz e Souza era, em certos momentos, tétrico: ouvi "Caveira" e ficareis impressionados:

I

"Olhos que foram olhos, dous buracos
Agora, fundos, no ondular da poeira...
Nem negros, nem azuis e nem opacos,
Caveira!

II

Nariz de linhas, correções audazes,
De expressão aquilina e feiticeira,
Onde os olfatos virginais, falazes?!
Caveira! Caveira!!

III

Boca de dentes limpidos e finos,
De curva leve, original, ligeira,
Que é feito de teus risos cristalinos?!
Caveira! Caveira!! Caveira!!

Quem, com maior originalidade e filosofia tratou de uma coisa tão medonha, tão impressionante?...

NO MUNDO DOS LINOTIPOS

JORNALIS

O ARAUTO — Recebemos dois numeros do mais antigo dos órgãos estudantinos do Externo. Após longa espera, que contribuiu para aguçar a expectativa ansiosa dos seus inumeros leitores, que são todo o Pedro II, apareceu o segundo numero. Ainda mesmo isolado, por causas só conhecidas do Desconhecido, Alfredo Tranjan, com a sua energia costumeira, nos deu um brilhante numero, prova incontestada de sua operosidade e intelligencia. Felicitações.

PRONOME — Continuando o roteiro luminoso de Gerson Marques reapareceu "Pronome", em tempo, o mais lido periódico do Colegio. Num lifetro retrospectivo, a Direção justificou plenamente, no primeiro numero a saída de "Pronome", citando todos os órgãos de imprensa, aqui surgidos desde 1926, sem excepção de um só.

Daniel Aarão Reis, Annibal Barcellos, Leonardo Aché Pillar e Bayard Boiteux são os festejados diretores.

Que não esmoreçam nunca e o que auguramos.

do General Frederico Casimir, em Trêves, já em 1871, conforme o uso da ordem teutónica, o seu cavallo foi conduzido atrás do coche e, depois de o general enterrado, foi o cavallo morto e decido na mesma céve".

Tais costumes, porém, desapareceram entre nós, deixando vários usos que lembram esses acontecimentos.

"A fé numa vida de além-túmulo espalhou-se através de todo o globo e serviu de base a todas as religiões".

Mas esta idéa de vida futura levou os homens a imaginar um lugar, "o paraíso", onde pudessem passá-la com todo o conforto. Isto para os homens, por assim dizer, perfectos. E daí a origem do "inferno", lugar de sofrimento para os máus, onde seriam purificados ou sofreriam penas eternas.

Isto levou ainda os homens a descrever esses "paraísos" com as cores mais atraentes e os "infernos" com as mais negras.

Tratarei rapidamente daquêles citando algumas descrições.

Lógica e cronologicamente cabe a primazia aos judeus com o seu paraíso, onde corriam rios de leite e mel.

O paraíso dos chineses budistas, ou Ni-Pan (País ferro) é região em que se encontra abundantemente ouro, prata, pedras preciosas. Alguns de cristal aí correm sobre areia de ouro, cobertas do magníficas flores-de-lotus. Ouve-se constantemente deliciosa música. Três vezes ao dia cai uma chuva de flores.

Vêm-se pássaros soberbos, falções e outros que, todas as quatro horas, cantam em côro belezas da religião e atraem, para as ouvir Buda, Darmas Sanga.

ATALAIA — Sob a direção brillante e illustrada de Alzira Gama, Eremildo Luis Vianna e Carmindo Rocha e Salustiano P. Cesar, appareceu o primeiro numero, tão esperado deste deliciozo periódico. Quer a feitura material, quer a variedade de colla, borrações são impeccaveis. *Ciencias e Letras* sente-se satisfeito e honrado com o aparecimento de um órgão que dignifica e eleva a imprensa estudantina brasileira.

MOISÉS GIKOVATE

(Conclusão da pagina 1)

Al não entra nem pecado, nem maldade.

Do exposto conclui-se naturalmente a origem das preces feitas aos antepassados transformados em deuses e com um poder superior. Isto os leva a fazer oferendas e preces aos seus antepassados mortos, afim de evitar as vinganças por terem sido esquecidos. Mesmo nos primitivos onde as crianças e as mulheres velhas não representavam papel algum, depois de mortos transformam-se em espiritos de grande poder.

Logo seria estabelecer aqui todas as particularidades com que cada povo contribui neste sentido, contentando-me em fixar algumas gotas do inesgotavel oceano do saber. E para terminar desejo narrar um fato dos aborigenes de Fidji, os quais estão convencidos que a outra vida se desenrola "no estado exacto em que eles abandonaram a terra".

Desejam por isso morrer antes de ter contraído alguma doença.

O exemplo seguinte, porém, demonstra até que ponto pôde ir a idéa de vida futura.

"Um viajante inglês, Hunt, recebeu a visita de um Fidjiano, que o convidou para assistir aos funerais de sua mãe.

Hunt ublu-se ao cortejo, mas, admirado de não ver cadaver algum, interrogou a este respeito o joven.

— E' aquela lá, respondeu elle, indicando sua mãe que avança.

va entre os outros tão tranquilla, tão contente, como nenhum dos presentes.

Hunt, ainda mais admirado, perguntou-lhe como tinha tido coragem de enganá-lo, dizendo-lhe que sua mãe morrera, se ella estava viva e bem de saúde.

Responden-lhe, então, o joven: "que elles acabavam de celebrar o festim mortuario e iam enterrá-la agora, visto ter elle e o irmão resolvido assim por já estar velha, ter vivido muito tempo, ser tempo de enterrá-la e ter recebido a resolução com alegria, de pleno accordo".

E o inferno?

Para não macular a beleza do paraíso, deixamos de tratar del.

Material Escolar

Villas Boas & Cia.

Artigos para Desenho, Pintura,
Engenharia, Escolas,
Artes Decorativas e objetos
para Escritório

R. 7 de Setembro, 219

PHONE 2-0832

Uniformes e enxovais
para todos os colégios:

RUMO A'

"A COLEGIAL"

Largo de S. Francisco

--- 38 e 40 ---

Fones: 2-6025 e 2-6108

C R O M O

Com que tristeza, agora, vejo a terra em que vivi feliz em tempos idos; tudo era belo, então, e agora encerra sómente sombras, vultos e gemidos.

Permanecer ali hoje me aterra, só por temer lembrar dias vividos por nós dois, juntos, perto lá da serra, que a noite enchia com os seus ruidos.

Noites de lua, juntos, nós passamos... E a olhar os céus azuis e toda aquella paisagem linda, nós dois nos amamos.

E ainda existe a casa de sapê, o lago azul, o bosque, o barco a vela e uma saudade, em tudo, de você!...

ALBERTO HECKSHER

A MAIS BARATEIRA

CASA NOVA

OS MAIS
FINOS CALÇADOS

42 - CARIOCA - 42

E'... mas..., o

PARAISO DAS CRIANÇAS

Vende barato, hoje, amanhã e sempre. — Uniformes e enxovais completos para todos os colégios —

UNIFORMES EM SUPERIOR BRIM CAQUI

134 - RUA 7 DE SETEMBRO - 134

OS TRES DIABINOS

(Comedia em um ato, premiada no concurso da aula de portuguez do Prof. A. Nascentes)

UM FLAGRANTE DA GUERRA

J. G. DE ARAUJO JORGE

(Conclusão)

OSWALDO AVILA

SALA DE AULA — ATUALIDADE

PERSONAGENS:

- I diabinho — VITOR.
- II diabinho — DARIO.
- III diabinho — ADALBERTO.
- O professor — RENATO.

CENA I

VITOR (*dirigindo-se aos dois amigos*). — Ha tres dias que fomos encarregados de adquirir um presente para o professor. Ele o que devemos comprar.

DARIO. — Para um escritor laborioso como o Dr. Renato, que melhor lembrança poderíamos dar, sinão uma bela caneta-ADALBERTO (*esboçando um risinho agastado*). — "Ora ficar em canetas, e si lhe dessemos uma, seria a nona, recebida por ele, este ano..."

VITOR. — Por mim, compraria uma caixa com bonbons. Você sabe bem que ele é "doidinho" por gulodices e depois, a caixa de bonbons que ele comesse, lembrar-se-ia de nós.

DARIO. — Admirável (*dando uma palmadinha no hombro de Vitor*). Ainda chegará a ser ministro!

ADALBERTO. — O Vitor se encarregará de ir busca-los.

VITOR. — Bem. Irei, apesar de não gostar muito de comprar bonbons... para os outros. (*Sai*).

CENA II

ADALBERTO. — Estou com medo que o Vitor não saiba comprar uma coisa em condições.

DARIO. — Não digas tal coisa! O Vitor será capaz de trazer bonbons de fazer criar "água na boca de um canhão".

ADALBERTO. — Estou com inveja do professor.

DARIO. — Nem que me dessem todos os dias, uma dúzia de bonbons, eu não queria aturar uma turma como a nossa...

CENA III

VITOR (*entra sobrando uma caixa. Vem muito satisfeito*). — Não foi preciso andar muito, para achar o que queria. Comprei-os na Avenida Passos. Havia tanta "coisinha" gostosa lá... Ah! rapazes, cheguei a ficar doente.

DARIO (*tomando o embrulho das mãos de Vitor e abrindo-o*). — Bem. Vamos ver si liveste gosto.

VITOR. — Gosto, não. Pois não tive a honra de provarlos. Achei-os sim, com uma aparência convidativa, bem acondicionados...

ADALBERTO (*rindo*). — O Vitor está falando difícil.

DARIO (*abrindo a caixa*). — Realmente, são apititosos.

ADALBERTO (*despetado*). — Podem estar velhos.

DARIO (*chirando-os*). — Bem fresquinhos é que eles estão! (*dá estalinhos com a lingua*).

VITOR. — Bem poderíamos provar um, não acham?

DARIO (*satisfeito*). — Não faria muita falta. Na caixa ha tantos...

ADALBERTO (*fazendo-se entendido*). — Só assim poderíamos saber si eles realmente são bons.

CENA IV

VITOR (*tirando um da caixa e pondo-o na boca*). — "Alinhados".

DARIO (*fazendo o mesmo*). — Isto faz até um santo pecar.

ADALBERTO (*tirando dois*). — Para dar minha opinião, só "tomando bem o gosto" (*mete os dois bonbons no mesmo tempo na boca*).

(*Os tres diabinhos, com a parte de examinar os doces, vão comendo-os ás escondidas, fecham por fim a caixa e a embrulham*).

CENA V

O PROFESSOR (*entrando*). — Vim hoje cedo, para poder estar um pouquinho mais com vocês e mesmo porque, antes de apresentá-los ao novo professor, quero pedir-lhes que sejam sempre bomzinho e estudiosos como têm sido até hoje.

VITOR (*levantando-se com a caixa*). — Dr. Renato, em nome de meus colegas, desejo-lhe feliz viagem e peço-lhe que aceite esta pequenina lembrança, como expressão do muito que lhe queremos.

O PROFESSOR (*recebe comovido o presente*). — Agradeço a recordação de meus alunos (*abre a caixa e rebusca com os doces o conteúdo da mesma, dizendo entre dentes*): Caixa extra, uma caixa tão grande, para um "bonbon" tão pequeno (*tira o "bonbon" da caixa, prova-o e diz em voz alta*): Como é delicada e grande a amizade de meus discípulos (*tira do bolso tres caixas de "bonbons"*). Para mostrar que também me lembro de vocês, trouxe-lhes qualquer coisinha que lhes fale de minha afecção, que lhes recorde o seu professor. (*Entrega a cada diabinho uma caixa*).

(CAI O PANO)

II

Quando Maria despertou, uma algazarra estranha a cercava. Era já noite, mas nem sombra de estrelas existia na cúpula apagada do céu. A cerração envolvia a luz fosca dos lampêes esparsos. Os automóveis passavam em todas as direções apressados. Um grande numero de pessoas corria pelas ruas enlameadas do Jardim, perdendo-se nas esquinas e na sombra dos arvôres. E paravam, se comoviam rapidamente e continuavam a correr buscando direções diversas. Ela assistia aquilo tudo impassível... atormentada. Revela ainda em sua mente o instante da partida de Gilberto... e, sentia seu corpo todo doer sob o peso deste grande fardo. Quiz andar, mas as pernas vergaram, e pelos olhos nuvens escuras começaram a passar. Sentiu que a cabeça lhe rodava e sentou-se novamente em aquella baldurda toda. Dir-se-ia que ninguém se entendia e que todos se procuravam e se repelliam...

Mas aquele mal estar foi passando, e ela começou a perceber a força que movimentava tudo. As luzes se apagaram por encanto e tudo emergiu na escuridão. Apenas distinguia agora vultos do fardo. Quiz andar, mas não se lembrava de que eles tinham de repente porem um ruído de motor muito surdo começou a se ouvir. Olfatos poderosos começaram a rasgar o seio das nuvens em todas as direções... sirenes começaram a soar seus assobios e ela entendeu estivo a causa do grande terror...

As vozes humanas gritavam por toda parte: — Os zeplins! os alemães!... E desanareciam nas primeiras portas... nos primeiros arbrigos... como loucos transmitindo sucessivamente seu terror... E os gritos se prolongavam e se repetiam, cada vez mais altos... cada vez mais frequentes: — Os alemães!! os zeplins!... Maria como se alguma coisa a prendesse ao chão, continuava impassível, com os olhos no céu, procurando guiada pela luz dos olifotes descobrir a origem daquelas sons abafados e misteriosos que trasiam consigo a destruição e a morte...

Num momento porem, todo o seu ser vibrou. Muito alto a sombra alongada e magestosa do monstro atravessava um espaço sem nuvens para perder-se novamente na negrura do firmamento. O espaço todo parecia rasgar-se e arrebentar. Uma in-

finidade de bombas explodiram deixando no ar manchas brancas de fumaça. O alvo porem estava fora de alcance e continuava a passar sobre toda a cidade, impassível tomando as observações necessarias e escolhendo o melhor campo de ação...

Em terra as bombas alemãs pareciam em estilhaços, as casernas, e destruíram centenas e centenas de vidas. Não tardou porem que outros motores comessem a trabalhar e, atravessando os funis luminosos, ela reconheceu seis aparelhos do exercito Ingles, que se elevavam na caça ao formidável inimigo...

Desta vez, com custo ela manteve seu olhar no céu onde se lia a travar a batalha aerea. Sentiu que o coração quasi parara, ao reconhecer entre os aviões que se perdiam nas nuvens o aparelho de Gilberto...

E por momentos tudo silenciou e ela nada mais viu que o manito cinzento das alturas. Um fremito de terror percorria o corpo, em pensar no que se estaria passando, lá, dentro das plumbeas neblinas.

E era em vão que ela tentava penetrar com os olhos no misterio da noite. Nas ruas a algazarra continuava. Os carros não paravam de passar e a aflicção reinante transparecia, agora, nos sussurros continuos e nas vozes mais altas dos exaltados.

Mas tudo isto cessou ao zumbir de elices que novamente se aproximavam. E novamente mergulado da treva o bojo colossal da aeronave inimiga appareceu com sua cruz negra sob os focos luminosos... Em seu redor, como pequeninas moscas, apenas tres dos seis aviões tentavam dar o golpe mortal... E rodavam numa dança esquisita entre as balas vomitadas celeramente pelas metralhadoras, que os procurava abater, como já tinha feito a tres dos seus companheiros... Da terra os canhões aereos atravavam seus projctis, que explodiam pelos céus de Londres sem conseguirem o seu objetivo...

Por segundos, nos rasgos de luz aparecia-se toda a crueldade da batalha que se desenvolvia, e, enquanto os minúsculos aparelhos investiam contra a gigante machina da guerra, esta como que impossivelmente atravessava os ares entre o fogo de terra e repella por sua vez o inimigo que se desdobrava em perigosas acrobacias para sair incolume. E a este maneio todo, sucessivo, de ataques e retiradas... de avanços arriscados e de defesas, Maria assistia, com o rosto livido e sem sangue, com o coração a estalar e acompanhando com o olhar o desenrolar penoso desta comedia tragica a que os homens estavam sempre sujeitos, sentindo em cada applicação da tatica aerea... em cada volta que o avião de Gilberto dava, o sangue paralisar-se nas veias. E tinha impetos de fugir e de gritar, de fazer com que parassem aquella luta de homens contra homens, de impedir que matassem seu irmão, mas continuava ante o poder do espetaculo e a enormidade das sensações. Sentia-se impotente ante o sinistro daquele quadro. E com os olhos pregados no céu, seguia todas as peripecias do embate terrivel das alturas...

Num momento porem, como que um raio a fulminou. Dois aviões atingidos pelo aço germanico, rodopiam no ar em manobras mortais... O sombrio das nuvens incendiou-se, e, como duas folhas secas ao sabor do vento, deixando atraz de si, camilhões sinuosos de fumaça, trouxeram em sua vertiginosa descida, os corpos de dois jovens, cujo destino fora igual ao de Alfredo e de Paulo. E abateu-se finalmente de encontro o solo patrio, como a pedreira abrigada para os seus heróismos...

Maria, nada mais viu. Julgando ver abatido o aparelho de Gilberto, chalu vencida pela brutalidade do golpe.

Este porem, lá estava sem desistir da luta, a fazer prodigios de ataques, contra a aeronave, que tentava desvencilhar-se deste ultimo importuno e fugia temendo esforços novos...

A sede de vingança multiplicava as forças de Gilberto. Lembrava-se da bandeirinha que trasiu consigo e que devia sair vitoriosa; da recomendação da irmã, e então teve um despreendimento da vida que poupava! Eufureceu-se contra este inimigo que abatera seus irmãos e que zombava dele, e, arriscando um derradeiro golpe, atravessou o fogo das metralhadoras aereas... perdeu-se nas negras alturas, e de lá, retornando, viu sob si, o dorso lúcido do zeplin, agora debaixo do vomitar nervoso de sua metralhadora...

E ele, livre de ação finalmente, vendo a seus pés o almejado inimigo, rompeu em successivas investidas, o corpo do gigante, que estralhou-se nos ares...

E por minutos, Londres, assistiu a vitoria ousada de um filho da Inglaterra!

A aeronave abatida, incendiou-se numa imensa fogueira que se desfazia no espaço. Um formidável clarão, acompanhou o estalido que atirou sobre a cidade vibrante, os estilhaços do esqueleto de aço do zeplin germanico, que, investiu irado contra o solo estrangeiro, num derradeiro ataque...

E após esta cena verdadeiramente dantesca, em que os assistentes, esqueceram-se do heróico para apreciarem a sua obra, e que se notou a queda do ultimo avião, também deixando atraz de si, um estirão de chamas e de fumo...

Era a bandeirinha de Maria, tombando após a vitoria!

Foi uma tragedia completa. Londres viveu os instantes mais emocionantes de sua vida. A Inglaterra ecreveu mais uma pagina gloriosa na historia.

No dia seguinte, os jornais detalhavam o acontecimento e noticiavam a morte do intrepido aviador britanico. Morrea pela patria o ultimo irmão de Maria.

E ela, que veio a saber do seu ato do inextinguível bravura, na manhã seguinte, safu a gritar pelas ruas, louca, até que abatia e exausta, caiu. Estava morta.

Aqueles que a ouviram, disseram: — Ela tinha nos olhos um brilho extraordinario e nos delírios de sua exaltação, chamava por quatro nomes e gritava pela Inglaterra... Um dia depois um jornal dizia: — Morreu pelos irmãos e portanto pela patria!

A LEITERIA
"MINAS E RIO"

Fornece os melhores e mais variados LUNCHES aos estudantes. Leite e queijos vindos directamente de Minas

Leiteria Minas e Rio

Avenida Passos, 111

GOETHE

Sob a epigrafe netma publicamos, em nosso numero transato um artigo do nosso colega Luis Samis, o qual pede uma pequena retificação. no trecho onde se lê:

"Para mim, Anatole France, Machado de Assis ou Ibañez são mais filantropos do que o espetaculoso Rockefeller e o obtusissimo Edison que escreve maravilhosamente pela mas incansavel do seu ilustre secretario..." Houve um pequeno lapso, resultando lamentavel confusão de nomes.

Referiu-se o nosso colega, na parte grifada do trecho supracitado, ao multi-millionario Ford, Aliás, pelo remate do trecho era facil perceber o engano

DO GREMIO

Proximo está a ser comemorado o primeiro anniversario do "Gremio Científico-Literario "Pedro II", essa nossa entidade associativa, que trilha galhardamente cumprindo o seu programma, muito embora o reduzido numero de alumnos que carinhosamente nelle se desdobre.

Ainda nesse mês foram realizadas duas sessões, patenteando assim a sua franca actividade.

No dia 16 a primeira e a segunda no dia 23.

Na primeira apresentaram trabalhos os seguintes candidatos ao quadro social: Helena Paes de Oliveira (na cadeira de Francês), Oscar Azambuja (na de Português) e Ary da Matta (Literatura), que foram submetidos a comissão julgadora composta do professor José Oliveira e dos consócios Silvio Elia e Raul Arcos.

Tambem o Sr. Murillo Alves falou sobre o tema que lhe imposto antecipadamente "Pronome se Passividade e Subjetividade". Obteve o premio por falar os demais concurrentes.

A segunda, não menos brilhante, procedeu-se no dia 23. Foi uma sessão dedicada ao debate do thema: "A Philosophia no seculo XVIII, no qual tomaram parte os Srs. Moisés Gikovate, Luis Samis e Raul Arcos, Coube o primeiro lugar mercadamente ao Sr. Luis Samis devido ao ottimo trabalho apresentado. A banca julgadora era composta do professor Agilberto Xavier, o querido cathedratico de Philosphia, e dos membros associados Silvio Elia e Pedro Bloch.

HERMES FONTES (CONCLUSÃO)

"ENCRUZILHADA"

Hora da antevisão do tumulo: degredo do espirito; descaço ao corpo exausto.

E a sombra aumenta! a sombra aumenta
E eu tenho medo
de que chegue, afinal, o dia do holocausto.

Sente-se bem que é o ultimo caminho.
Quem vem lá? E' de paz. Pobre espectro!
Um velhinho...

Vem indecisamente, devagar,
como quem preferiu nunca chegar.

Na direcção oposta alguém caminha.
Aproxima-se. Rufina em flor! E' uma velhinha...

Vem tambem de vagar
e procura. Talvez, se retardar.

O ultimo tom do ocaço é no vitral da fonte
uma lagrima de ouro, entre perolas de agua.

Uma estrela indecisa assoma no horizonte.
Perto, um braço de mr celebra a sua magôa.

A primeira coruja e a ultima andorinha
inda encontram na estrada o velhinho e a velhinha.

Para que mundo irmão? Pelo que o olhar expande,
nenhum dos dois se reconhecerá.

Si ela o reconhecer, dirá: Como eras grande!...
Si ele a reconhecer, dirá: Como eras má!

Mas é melhor que não se reconheça
um ao outro. E melhor que se cruzem assim

E a sombra desce. E a sombra aumenta.
A sombra é espessa...
Sombra o silencio. E' o fim...

Eu disse que encontrara em Hermes Fontes todas as modalidades sentimentais, todos os tons psicologicos, todas as escolas poeticas.

Ja vos recitei o parnasiano, o simbolista, o romantico; não vos disse ainda algo que desse ideia do fino humorista, do ironista subtil que vezes algumas sabia ser o nosso extinto patricio.

JURA...

Juro por tudo quanto é jura, juro por ti, por mim, por nós, por Jesus Cristo, que hei de esquecer-te; vê-me — estou seguro contra teu scillo, a cuja queda assisto.

E, visto que duvidas tanto, visto que ris do que solene te asseguro, juro mais: pelo ser em que consisto, por meu passado pelo teu futuro.

Juro pela mãe Virgem concebida, pelas venturas de que vou no encaço, por minha vida, pela tua vida...

Juro por tudo que mais amo e exalço, E, depois do uma jura tão comprida, Juro... juro que estou jurando falço!

FILOSOFIAS

Desinteresse... esse nome, melhor fora o não haver.
Vês a terra que nos come?
— Primeiro nos mata a fome, para depois nos comer...

Vês o mar? Não ha tão frios corações como o do mar.
Forma os rios, encho os rios...
— Mas para que forma os rios?
Para depois os tragar...

Vês o homem que te festeja?
louva-te e gloria e o porvir,
louvante a ação bemfazeja...
— Mas para que te festeja?
Para depois te traír...

Desinteresse!... Não creias,
seja de quem e a quem fôr.
O sangue que tens nas veias,
velo de fontes alheias
por um interesse — o amor.

Ha na poesia de H. Fontes um excesso de selva, um transbordamento de imagens, uma opulencia vocabular que bem reflecte a influencia da nossa natureza dinamica, que admiravelmente assinalam os exageros característicos da raça.

Porem o que mais notabiliza a sua poesia é o cunho persona-

lissimo da mesma, é a maneira brasileira com que ele exterioriza as profundezas do eu.

Beira mar é a vida falha do poeta, é o transunto psicologico do seu racasso é ele inteiro com a timidez do seu orgulho e o orgulho da sua ingenua timidez ante a conquista da felicidade.

Cheguei ao cáis... zarpava, ao mesmo instante,
a nau da Boa Estrela!... e o meu destino
tem sido desde então, mal o imagine,
um malogro, um anátéma constante...

E, olhal, olhal: ao largo, agil, flutuante
— veias da Audacia sobre o mar Euxino —
a nau que entressonhei, desde menino,
quando me antecipava navegante!...

Viagem perdida! chegam, formam bando
tripulantes jovials da nau seguinte:
uns, me inquirindo e, a rir, me lastimando...

Vão-se, depois, a rumo certo ou a esmo...
E eu me deixo no cáis, só, por acinte,
como um naufrago triste de mim mesmo...

Colegas! é lamentavel que a politica tenha feito rufir num segundo uma existencia edificada através o esforço pertinaz e lento de uma juventude heroica.

H. Fontes, pela sua cultura, pela sua inteligencia, pela sua applicação ao trabalho fizera-se no Ministerio da Viação um auxiliar indispensavel, um tecnico preferido no gestão dos ultimos governos da Republica pre-revolucionaria.

A gratidão por certo, por esse destaque que lhe era justamente concedido fe-lo um adepto fervoroso da politica então dominante.

Com a vitoria da revolução clo ele se viu afastado do emprego, acusado do desvio de verbas, chacoteado pelos colegas, perseguido pelos superiores.

Sua alma que já viera de sofrer o desengano do amor, que já viera de se decepcionar com a mentira da gloria, onde buscara coragem para reconstruir o lar, onde encontraria estímulo para reenectar o ideal?

Colegas! eu compreendi perfeitamente a dor que ferira o poeta n'aquella noite de Natal, dentro da casa deserta, olhando a vida vazia de illusões qual uma criança grande que contem.

plasse uma arvore da qual já tivessem arrancado todos os brinquedos!

O amor, o talento, a posição social, a honra, tudo lhe negavam agora, tudo agora lhe fora confiscado...

E na noite de 25 de Dezembro de 1930 o genial H. Fontes, "intimigo do velho romantismo", "punha ponto final ao curso dos seus dias" detonando uma bala na cabeça.

O tempo prestará ao poeta a homenagem que as luvejas literarias e as adversidades politicas não permitiram que a juventude de agora lhe pudesse prestar, o seu nome brillará mais ainda nas paginas da nossa literatura através desse labéo que o seu puro caracter repudiou, restituíu, arremessou para longe de si com a propria vida, enodoando com o seu precioso sangue o momento politico.

Colegas! a revolução com todos os beneficios que possa oferecer ao país, jamais explorará aos olhos justicieiros da historia o assassínio dessa alma, jamais indenizará a nação do roubo dessa vida em pleno apogeo, esta vida que entesourava um dos mais raros patrimonios intellectuais do Brasil.